

B.A.S.E. JUMP, RISCO E EMOÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA PARA DAR SENTIDO À VIDA

Verônica Monteiro da Rocha
ESEF/UPE/ Universidade de Pernambuco

Recebimento/Aprovação:

Artigo recebido em novembro de 2007 e aprovado para publicação em fevereiro de 2008.

Resumo

O objetivo deste estudo é descrever e discutir o ponto de vista de base jumpers brasileiros sobre os sentidos atribuídos à vida, considerando que a experiência é perpassada pela associação esporte-risco-emoção. Com esta finalidade, estabeleceu-se um caminho de investigação com o qual utiliza-se de pressupostos teóricos acerca de risco, esporte, emoção e romantismo e de relatos das narrativas dos atores sobre suas experiências com o risco, para discutir as noções que permeiam os sentidos atribuídos à vida por esses, bem como apontar para aspectos da cultura que influenciam na opção por um estilo de vida arriscado.

Palavras-chave: esporte radical; base jump; risco; emoção; sentidos atribuídos à vida; romantismo.

Abstract

The objective of this study is to describe the Brazilian base jumpers point of view about the meanings attributed to life, taking into account that experience is passed through association sport-risk-emotion. For this purpose a research line was set through whom theoretical conjectures about risk, sport, emotion and romanticism along with narrative reports of the actors on their own experiences with the risk, allowing us to describe the ideas that pierce the meanings attributed to life by these people, as well as to point out aspects of the culture that influence upon that option for a dangerous life style.

Keywords: radical sports; base Jump; risk; emotion; meanings attributed to life; romanticism.

I. Introdução

A idéia de risco parece ser amplamente difundida no contexto social moderno enquanto categoria discursiva representativa do controle e responsabilidade sobre o futuro, em direção a uma sociedade segura. São apelos contra os desregramentos alimentares, o uso do tabaco, o estresse, os crimes ambientais e outros, imbricados a prescrições de rotinas para evitar situações de risco face à aquisição de saúde, longevidade, qualidade de vida, estabilidade, segurança, todos pressupondo a vida como um bem maior nesta cultura. Desse modo, supõe-se um caráter negativo do risco e uma eficácia da racionalidade como instrumento de controle das paixões e das emoções, para se ter uma vida segura. Contudo, embora esse seja um discurso predominante nesta cultura, é observável a existência de outros que sugerem um convite para o seu enfrentamento a exemplos dos veiculados a alguns mercados financeiros e mais recentemente aos esportes ou atividades ditos radicais, com os quais se introduz a noção de emoção associada ao risco. A emoção, no caso dos esportes radicais, funciona como uma espécie de componente agradável face o enfrentamento dos riscos controlados e avalizados pelos recursos tecnológicos e pelo cálculo probabilístico. Desta maneira, risco e emoção, associados, assumem um caráter positivo, sob perspectiva da sua experimentação o que leva a crer que o enfrentamento de situações que ofereçam algum nível de risco provoca uma certa emoção agradável e compensadora.

A observação desses discursos leva a crer que modelos explicativos do risco têm pouca reciprocidade nesta cultura e que se a sociedade brasileira fosse de fato permeada por elevados níveis de riscos, não se cultivaria a idéia de buscá-los fora do cotidiano, nem haveria tamanha plasticidade em sua prática discursiva. Plasticidade esta, que

induz ao entendimento de que os discursos sobre o risco, ao menos os disseminados em canais não científicos ou técnicos, consistem num apelo para as emoções quer na perspectiva do controle de sua expressão, ou de vivência responsável, moderada, diante das incertezas.

Contudo, o recorte realizado para este estudo restringe-se a uma abordagem de risco sob a perspectiva de risco desejado, circunscrito a indivíduos que elegem risco como estilo de vida, vivenciado por meio do campo dos esportes radicais. Esta perspectiva é norteadada pelo entendimento de que a opção individual por enfrentamento do risco se dá em meio às inúmeras possibilidades de escolhas fornecidas pela cultura na qual o indivíduo está inserido.

Acredita-se, portanto, que a cultura fornece bases e meios para que um base jumper escolha arriscar a vida num salto de extremo risco, embora a vida seja o bem mais valorado no todo cultural. Acredita-se também que tensões, ambigüidades e contradições, são quase sempre inevitáveis na relação indivíduo-cultura, ao menos no Ocidente. A tensão aqui presente caracteriza-se pelo fato de elementos tomados como constitutivos do esporte, tais como desafio, superação, conquista, estarem sendo incorporados em situações de risco extremo nas quais a própria vida faz parte integrante do jogo que se quer jogar. É uma tensão significativa no contexto de uma sociedade moderna na qual há uma forte tendência de preservação da integridade física nos esportes e onde a segurança é um valor.

Em face dessa tensão buscou-se com este estudo compreender os significados que estão sendo revelados por base jumpers para a vida, considerando que a experiência é perpassada pela associação esporte-risco-emoção. Nesta direção, o conjunto das observações preliminares e da revisão de leitura conduziu a suspeitar que o esporte base

jump viabiliza um trânsito entre o risco e as emoções perpassado por uma perspectiva romântica de dar sentido à vida.

O presente artigo se origina do estudo de doutoramento da autora ainda em fase conclusiva, mas indica algumas pistas que contribuem para o entendimento da relação risco e emoção presentes na experiência com o base jump. Neste sentido, inicia-se por situar o base jump pelo viés do risco a ele associado. Em seguida, realiza-se uma breve incursão na literatura sobre a trajetória cultural da negatividade e da positividade do risco. Por fim, serão comentados alguns dos resultados parciais do estudo acerca das emoções associadas às experiências dos b.a.s.e jumpers e do sentido da vida para eles.

II. Base jump: um esporte de extremo risco

Base jump é um dentre outros esportes radicais. O termo se constitui das iniciais de Building, Antenna, Span e Earth, - edifícios, antenas, penhascos e terra -, fazendo referência a objetos fixos os quais se configuram em bases para os saltos dos praticantes. Neste rol, estão incluídos torres, mastros, pontes, arcos, guindastes, cavernas ou uma outra formação natural concebida como sendo precipício.

O esporte consiste em saltar dessas estruturas fixas utilizando um pára-quedas, de modo geral a atender as seguintes finalidades: a) realizar algum tipo de acrobacia durante o tempo de queda livre, b) não tocar a estrutura durante o salto e c) pousar no centro de um alvo previamente estabelecido, denominado de “mosca”. Há também uma categoria de base jump, chamada de base jump de descobrimento que tem outra finalidade, a de saltar de novos lugares, geralmente explorando novos penhascos pelo mundo.

De acordo com as Federações Nacional e Internacional de Pára-quedismo, só é reconhecido como sendo um base jumper, aquele que tiver realizado ao menos um salto de cada um dos quatro objetos fixos constituintes da sigla que dá nome ao esporte. Feito isso, o nome do praticante passa a constar do ranking mundial com uma pontuação que acresce de acordo com a quantidade e dificuldade dos saltos subseqüentes.

O que parece ser muito significativo com relação ao risco que envolve o esporte advém de três probabilidades: a do pára-quedas não abrir e o atleta chocar-se com o solo, a de chocar-se contra a própria estrutura de base do salto, ou a de se enroscar em redes elétricas de alta tensão. Segundo depoimentos de alguns atletas, um “salto baixo” de uma estrutura que se encontra a 500 pés de altitude, está a aproximadamente 10 a 15 segundos do solo e por isso não há tempo suficiente para o acionamento de um pára-quedas reserva. Comentam que embora possa se estimar a probabilidade de acidentes fatais para o caso do pára-quedas não abrir, isso raramente acontece.

De outra maneira, a incidência do risco é maior no momento em que eles se lançam em queda livre, uma vez que o corpo está muito próximo da estrutura e pode atingir a velocidade de 200 km por hora antes da abertura do pára-quedas. Nesse caso, se acontecer uma reversão em direção à própria estrutura, devido a alterações no plano de vôo - cálculo equivocado - ou alterações do trajeto ocasionadas por súbitas mudanças na direção dos ventos, o atleta tem pouquíssimos segundos para solucionar o problema antes de se chocar com a estrutura. O índice de mortalidade nesses casos é bem maior porque se o próprio impacto com a estrutura não levar à morte, é preciso que depois do violento choque, ainda estejam perfeitas as condições físicas e mentais do atleta para tomar decisões.

Com essas características o base jump é considerado, no meio dos chamados esportistas dessa categoria e das confederações esportivas de todo o mundo, como sendo um dos esportes que lidera o risco extremo, principalmente pela velocidade com que tudo acontece. Assim reconhecido, convencionou-se que para ingressar no esporte, o indivíduo tenha experiência mínima de duzentos saltos regulares de pára-quedas ditos convencionais, experiência com o equipamento e com saltos realizados à noite, bem como se submeta a testes e avaliação das habilidades em pensamento rápido, exatidão e das suas capacidades físicas de responder corretamente com coordenação, velocidade e precisão a situações de alta pressão. Afora isso deve consultar a lista de fatalidade disponível num *site* internacional específico de informações sobre esse esporte¹, no qual consta a relação de nomes dos atletas mortos durante a prática esportiva e as respectivas causas dos acidentes.

Desse modo, o risco está fortemente associado ao base jump. Embora se compreenda que são riscos passíveis de controle e cálculo, o erro predominantemente conduz à morte. Assim sendo, a tensão - vida e morte - perpassa toda a experiência do ator objetiva ou subjetivamente. Mesmo que a prática desse esporte propicie também expectativas de dominar o medo, superar a si próprio, apreender as técnicas relativas ao uso do material e do próprio corpo, exercer controle das emoções diante dos obstáculos e conquistar a vitória diante da tarefa, a vida está em jogo como sendo o bem maior.

III. A complexa trajetória cultural da negatividade e positividade dos riscos: uma breve incursão na literatura

¹ Di Giovanni, Nick. “Lista mundial de fatalidades no base jumping”. Disponível em: http://hometown.aol.com/base194/myhomepage/base_fatality_list Acesso em 20 de janeiro de 2008

As imagens espetaculares exibidas pela televisão e os depoimentos apaixonados dos praticantes de esportes radicais parecem suscitar, no público que os assiste, emoções das mais variadas: do pavor ao encantamento. Paulatinamente, começam a despontar no cotidiano social, falas valorativas sobre esse comportamento de risco: “corajoso”, “louco”, “suicida”.

São falas que além de associarem valores à personalidade dos esportistas, denotam aceitação ou rejeição do risco na cultura. Desta forma se por um lado, a experiência com o b.a.s.e. jump implica escolha pessoal por um conjunto de desafios a ser enfrentado e permite aos indivíduos por seus próprios meios, produzir sentidos, sobretudo para a vida, por outro, a escolha pessoal desses esportistas não se exime de influências e valorações culturais, quer para o sentido de negatividade, ou de positividade dos riscos. Por isso, pensa-se que para compreender o comportamento dos base jumpers é importante realizar uma análise cuidadosa dos discursos sobre o risco, disseminados no todo social, quer pela mídia, ou por especialistas, bem como das noções acerca desse, presentes na atualidade.

As noções de risco associadas às idéias de negatividade ou incerteza desenvolveram-se lentamente através dos tempos. Em sua trajetória não muito clara e precisa, risco designava, numa lógica de jogo, a probabilidade de um evento ocorrer com conseqüentes perdas ou ganhos.

No século XVIII, ao ser integrado nos registros da língua inglesa, o termo sugere o entendimento de risco como sendo uma hipótese de acontecimento. Esse sentido utilizado fundamentalmente para descrever o perigo de ir contra rochas submersas que danificavam os navios e causavam acidentes marítimos, parece ter influenciado o seu uso moderno com a conotação de possibilidade. Embora sem esta evidência imediata, o

termo entra em utilização corrente a partir de uma associação com a vida marítima que constituía a atividade comercial fundamental da história da Europa na Idade Média (SENNETT, 2005, SPINK, 2004; GIDDENS, 1991; LUHMANN, 1990).

Com o passar dos tempos mais três noções foram se associando firmemente à idéia de risco: “fortuna”, “sorte” e “chance”. Tal associação tornou emergente o pensamento de controlar o futuro, possibilitou a ambigüidade no tocante ao possível e o provável, à positividade e a negatividade e permitiu uma síntese entre fortuna, sorte e chance que incorporaram o sentido de incerteza (SPINK, 2003). Assim sendo, na atualidade, as práticas discursivas sobre risco, integram o cotidiano social de modo a permitir a compreensão de risco não só na perspectiva de incerteza, perigo, perda, prejuízos humanos e econômicos, mas também de ganhos, lucros, negócio.

IV. Noções de negatividade em torno do risco desejado: responsabilidade pessoal e desvio de conduta

Alguns trabalhos teóricos das Ciências Sociais apontam para a existência de fundamentalmente três noções de risco na atualidade: uma primeira centrada no resultado do agir dos atores, significando que esses possuem a consciência de que seu agir pode provocar conseqüências danosas; uma segunda, mais ampla, que se refere ao alerta para a emergência de futuros eventos que acarretem danos, sejam resultantes de suas ações individuais, coletivas ou de fenômenos naturais com efeitos negativos; e uma terceira que se refere ao modo de os indivíduos perceberem risco, em sua relação com a cultura (BECK, 1992; GIDDENS, 2002; DOUGLAS, 1982; LUHMANN apud BRÜSEKE, 2001).

Luhmann é apontado como um dos autores que teve o mérito de sintetizar essas noções reclamando uma diferenciação entre risco e perigo (GIDDENS, 1991; BRÜSEKE, 2001). Nesta direção, formula uma distinção com a qual compactua com as idéias de que risco se relaciona diretamente com os danos resultantes de decisão e ação próprias do ator, porém, denomina de perigo aquilo que pode provocar danos de modo independente ao controle do ator.

Contudo, apesar da liberdade de escolha ser uma marca do processo das transformações sociais ocorridas na modernidade, como apontam inúmeros autores das Ciências Sociais, acredita-se que discutir noção de risco como sendo da ordem de escolha e decisão individual, implica também refletir sobre o sentido de responsabilidade pessoal nela contida. Esta é uma tensão que modelos conceituais não resolvem, contrariamente, contribuem para a construção, intencional ou não, de uma mentalidade pautada na conduta humana e fundamentada na responsabilidade pessoal e na culpabilização por risco. Neste caminho sugere o entendimento que quando se trata de risco, os indivíduos são ao mesmo tempo algozes e vítimas deles próprios.

Perceba-se que embora o sentido de negatividade do risco tenha se perpetuado nos cotidianos até os dias de hoje, não há registros que apontem para a existência de uma associação entre a sua negatividade e a conduta humana, no passado (FRAGA, 2006: p.74).

Na segunda metade do século XX, esse conceito passa também a integrar o repertório do vocabulário médico e firma-se como uma das mais eficientes estratégias de governo à distância. Concomitantemente risco tornou-se conceito central na política, com pouca ou nenhuma relação com probabilidade, porém com grande utilidade como

recurso forense em meio a um debate incessante sobre responsabilização. (DOUGLAS, 1992).

Sem dúvida há de se reconhecer que existe uma influência dos discursos dos especialistas da área da saúde para essa reorientação do sentido de negatividade do risco na atualidade.

Hayes comenta que o modelo de prevenção declarado no *American Journal of Health Promotion* (1986, apud Hayes, 1992) com o qual se define promoção em saúde como sendo a ciência e a arte de ajudar pessoas a modificar seu estilo de vida e mudar em direção a um estado ótimo de saúde, é um exemplo de como o paradigma centrado no indivíduo se tornou referência nas pesquisas e em campanhas sobre comportamento de risco. É com base na racionalidade das ações que se constrói a trajetória do modelo preventivo, segundo um indivíduo bem informado e capaz de escolher. Trata-se de uma lógica, com raízes iluministas, que autoriza denominar de irracional, irresponsável, todos os desvios entre conhecer e bem agir, e de uma teoria fundamentada na escolha racional segundo a qual, para alguns casos, doente é alguém que não administrou o risco e lida com os riscos resultantes de escolhas comportamentais pessoais localizadas na rubrica de estilo de vida (HAYES, 1992).

As atitudes consideradas de risco, relativas à prática de esportes radicais, também não têm escapado das tentativas de integrar comportamento de risco a explicações biológicas, fisiológicas imbricadas a argumentos com conotações valorativas. Num artigo publicado na Revista Scientific American Brasil, Zorpette & Di Sarno (2006), comentam que alguns psicólogos concordam que o gosto por esportes radicais é uma forma de busca por adrenalina e que esse comportamento se enquadra na mesma categoria de outros hábitos perturbadores como o alcoolismo e a dependência de drogas.

Contudo, por cultivarem paixões que não corrompem a sociedade, os esportistas radicais não haviam ainda integrado investigação científica minuciosa, apesar de nos anos 50 alguns psicólogos terem classificado pára-quadristas, alpinistas e outros viciados em adrenalina como autodestrutivos e com estranha atração pela morte. O artigo sugere que buscar risco por meio de esportes radicais indica a existência de um desvio do comportamento de fuga para o tédio e para a rotina, mas tem como objetivo mostrar, através dos ensaios de Frank Farley, Dennis Murphy e de Keneth Blum (2006, apud Zorpette & Di Sarno, 2006), que começam a surgir novas explicações para esse comportamento. Nesta direção os ensaios dos autores supracitados sugerem que uma base neuroquímica oculta o comportamento de risco.

É importante ressaltar que a hipótese de que pessoas buscam atividades para fugir ao tédio é absolutamente evidente na história da humanidade. Entretanto, pouca ou nenhuma atenção tem sido dada em direção ao entendimento do que venha a ser tédio. Diferentemente, busca-se estabelecer os critérios de normalidade para a expressão de comportamento frente a ele.

Parece haver uma crença por parte dos fisiologistas que comportamentos seguros se situam numa média entre os extremos. Observem-se os argumentos de combate aos hábitos que envolvem obesidade, anorexia, hipoatividade, hiperatividade, sedentarismo, por exemplos. Fisiologicamente isso se traduz em taxas “normalizadas” de processos e substâncias químicas de modo a se situarem em um patamar médio de valores almejados. Para Canguilhem (2006), “a determinação das constantes fisiológicas pela elaboração de médias corre o risco de apresentar o homem normal como sendo o homem mediano” (CANGUILHEM, 2006:119). O autor ressalta que mais do que isso significa que a média é considerada como a medida válida para determinar se há

excesso ou falta e que a imprecisão das noções de excesso e falta, seu caráter normativo apenas dissimula a sua pretensão métrica (p. 25). Desse modo, definir o anormal, o desviante, por meio do que é de mais ou de menos, é reconhecer o caráter normativo do estado dito normal e com isto, “o estado normal ou fisiológico, deixa de ser apenas uma disposição detectável e explicável como um fato, para ser a manifestação do apego a algum valor” (CANGUILHEM, 2006:26). O problema é que ao se estender esse paradigma para aspectos da vida social, a diferença pode vir a ser acionada como objeto de acusação.

Ao analisar o sistema de acusações como estratégias mais ou menos conscientes de manipular poder e organizar emoções, delimitar fronteiras, Velho (1981) põe em evidência o exemplo da categoria *doente mental* que tem sido, ao menos na sociedade brasileira, uma das mais acionadas enquanto categoria de acusação com alto poder de contaminação nem sempre isolada e explicitada, mas misturando-se a outros tipos de acusação. A idéia de *doente mental* funciona como elemento explicativo e exorcizador de certos comportamentos para evitar conflitos. (VELHO, 1981:57). Assim sendo, “a acusação de desvio tem sempre uma dimensão moral que denuncia a crise de certos padrões ou convenções que dão ou davam sentido a um estilo de vida de uma sociedade, de uma classe, de um grupo ou de um segmento social específico”. (VELHO, 1981:58). Acrescente-se a isto o entendimento que a existência de uma ordem moral identificadora de uma sociedade faz com que o desviante funcione como um marco delimitador de fronteiras, símbolo diferenciador de identidade, permitindo que a sociedade, classe, grupo ou segmento social específico se descubra, se perceba pelo que não é ou pelo que não quer ser (VELHO, 1981:59).

Sem dúvida, liberdade de escolha é um dos sinais dos tempos modernos; tem-se essa liberdade, mas não nas questões fundamentais. Liberdade de escolha e escolha individualizada não significa que os indivíduos façam suas escolhas de modo dissociado da cultura. Note-se, por exemplo, que a noção de risco associada à idéia de liberdade de escolha gera o sentido de risco privado, ou seja, ao planejar que tipo de indivíduo quer ser, que consistência quer introduzir no seu plano de vida e ao incorporar a expectativa de sua própria morte ao final desse seu plano de vida, o indivíduo está elaborando um pressuposto de risco privado. Contudo, tal plano não está dissociado dos fatores sociais que influem na percepção do risco ou na eleição do risco, uma vez que tem sua base e se legitima na estrutura da sociedade (DOUGLAS, 1996:109).

Desse modo, mesmo aqueles que escolhem ser gordos, fumantes, a exemplos, não escapam dos olhares vigilantes do todo social. A escolha por enfrentamento do risco por esportistas radicais também partilha publicamente de princípios e valores culturais que podem ser utilizados a qualquer tempo para justificar uma conduta.

A esse respeito Douglas (1996) destaca que quando se pergunta a um indivíduo sobre o risco que ele afronta, este tende a responder partindo de alguma norma culturalmente estabelecida de cautela culturalmente devida. Assim, por exemplos, um alpinista negará que se move em condições climáticas adversas e um esquiador olímpico ressaltará o bom cuidado da sua equipe. Ambos negam que se arriscam e afirmam evitarem riscos absurdos. Até os jogadores repudiam a resposta de que correm riscos e insistem que não jogam com a sorte e sim com perícia. São modos de proceder que, segundo Douglas, confirmam que as decisões na eleição do risco estão sujeitas à crítica da comunidade. Neste sentido, “a codificação cultural de responsabilidade é também a codificação de perceber riscos” (DOUGLAS, 1996:114). Para a autora, essa é uma das

razões pela qual, é praticamente impossível ver elementos inatos de personalidade que conduzam os indivíduos à busca de riscos. Sendo assim, é bem mais frutífero refletir-se sobre esta conduta com base na influência social do que tratar de eliminá-la, já que a cultura fornece significado aos símbolos concretos reafirmados não só no ritual, mas também no discurso desses indivíduos (DOUGLAS, 1996). Ao assim considerar pensa-se que a concepção de liberdade de escolha que Norbert Elias desenvolve em seu livro *A sociedade dos indivíduos* resume o que aqui se entende como reciprocidade cultural em relação à responsabilização pessoal por risco:

No interior de uma sociedade complexa constantemente se abre espaço para decisões individuais e apresentam-se oportunidades que podem ser aproveitadas ou perdidas, bem como encruzilhadas em que as pessoas têm de fazer escolhas conforme sua posição social, inclusive sobre o seu destino pessoal. Porém, as oportunidades de opção não são, em si mesmas, criadas pela própria pessoa, mas prescritas e limitadas pela estrutura específica de sua sociedade e pela natureza das funções que essa pessoa exerce dentro dela (ELIAS, 1994:48).

Com o exposto percebe-se que a noção de negatividade de risco é predominante na cultura atual com a conotação de responsabilidade pessoal por danos e perdas dele conseqüentes. Parece existir uma aceitação na cultura brasileira de alguns discursos científicos e não científicos disseminados no cotidiano social, bem como de um sistema de valoração vigente com o qual a eleição de risco privado faz parte de um contexto moderno da relação indivíduo-cultura, porém, nesta relação, os comportamentos de risco, embora caracterizados como sendo de escolha pessoal, estão sujeitos à crítica do todo cultural. Por outro lado, percebe-se que parte da noção de negatividade e de responsabilidade pessoal sobre o risco no Brasil está atrelada ao modo generalizante com o qual a área da promoção da saúde dissemina suas informações sobre risco. Neste

sentido, o amplo exercício de relativização dos discursos é uma opção necessária para remover as lentes do preconceito para com alguns comportamentos de risco.

V. Produção e consumo do risco no contexto do esporte, turismo e lazer: contribuições para uma noção de positividade do risco na cultura

Em meio à plasticidade dos discursos atuais sobre o risco, nota-se que a perspectiva de risco privado começa a compor discursos, propagandas, imagens e reportagens sugerindo o seu enfrentamento por meio de atividades esportivas radicais, do turismo de aventura e do lazer, introduzindo a noção de positividade do risco.

Nesses contextos, risco parece oferecer um certo tipo de compensação para quem o enfrenta e para o mercado – comércio e indústria - que se amplia em torno dele.

O espetáculo esportivo emergiu recentemente em meio a um longo processo histórico da constituição das práticas esportivas. Esta conotação de espetáculo dada ao esporte tem se fortalecido intensamente de maneira a atrair espectadores e investidores em todo o mundo e a transformá-lo num produto de alto valor no mercado, sobretudo, por associar e incrementar valorações, gostos, preferência, anseios, aos existentes no todo social. Desse modo, não só a prática de uma modalidade de esporte o constitui, mas a produção e a comercialização para o consumo de camisetas, tênis, equipamentos, idéias, valores, estilos de vida, dentre outros. Nesses moldes o esporte-espetáculo está atrelado aos veículos de comunicação de massa que o divulga com imagens e informações para a sociedade de consumo.

Segundo Proni (1995), essa comercialização do esporte começou a se firmar a partir da década de 50 com o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa e a

expansão da denominada indústria de lazer, na Europa e nos Estados Unidos. Os esportes que constituíam a paixão da maioria das pessoas passaram a ser assistidos por uma gama crescente de espectadores e, aos poucos, esses esportes foram sendo veiculados pela mídia, o que exigiu constituição de linguagem e veículos especializados para sua cobertura.

Este redimensionamento do espaço esportivo internacionalizou-se e trouxe consigo inúmeras transformações no contexto do esporte-espetáculo, dentre algumas: a exigência do nível de profissionalização dos atletas e a ampliação da estrutura técnico-administrativa. Em função da transmissão televisiva também se processaram mudanças nos calendários dos eventos e até mesmo nas regras pertinentes a certas modalidades esportivas, para atender aos acordos comerciais que envolvem investidores (PRONI, 1995:145; DINI, 1996: 243-249).

Esse mercado agregado ao esporte-espetáculo originou o que hoje se denomina de *marketing* esportivo. A mensagem a ser comunicada através do *marketing* esportivo tem como finalidade despertar ou realçar o que neste mercado denomina-se de sentimentos de grandeza implícitos no esporte, de uma maneira associada a crenças e valores vigentes na cultura. Isto não é novidade. Mas é importante compreender que este é um contexto no qual risco é um grande negócio e compõe estratégias de vendas que atraem investidores e consumidores, expande a produção industrial, amplia o mercado e o trabalho em torno dos esportes radicais.

De modo similar o *marketing* turístico também compartilha dessas idéias uma vez que o risco-aventura tem sido um grande nicho do mercado turístico atualmente.

Com a expansão do ecoturismo e do turismo de aventura pessoas que nunca haviam pensado em vivenciar tais experiências passaram a buscar essas novas formas de

turismo. Nesta direção, a idéia de aventura integra os apelos turísticos como um elemento importante; são apelos que destacam as emoções intensas como ingredientes da experiência com o risco e em oposição à idéia de turismo tradicional. O jogo está na aventura que se quer experimentar em consonância com as estratégias engendradas para o gerenciamento do risco controlado, e instauradas quer por meio-ambiente natural ou criado artificialmente. Desse modo na atualidade, risco passa a integrar o consumo da cultura de massa. Contudo, isto não quer dizer que risco é uma invenção da cultura de massa o que seria um grave erro reducionista, uma vez que ela também se orienta por valores e temas recorrentes na cultura.

Na realidade, a cultura de massa integra e se integra ao mesmo tempo numa realidade policultural, esclarece Morin (2002). Para este autor, trata-se de uma cultura que constitui um corpo de símbolos, mitos e imagens concernentes à vida prática e à vida imaginária que penetram o indivíduo, estruturam o instinto e orientam as emoções e dessa maneira não só se acrescentam como também concorrem com a cultura nacional, religiosa, dentre outras, que constitui o todo que se conhece como cultura.

O turismo, no contexto moderno, se torna uma grande viagem-espetáculo ao interior de um universo de paisagens, comunidades, monumentos, museus. O turista não é apenas um espectador em movimento: ele participa, se comunica pessoalmente e se insere fisicamente de modo a dizer “eu fiz”, “eu estive lá”. Essa evidência física, o sentimento de estar lá, em movimento, em jogo, é que valoriza o turismo em relação ao espetáculo. A auto-ampliação física é ao mesmo tempo “uma apropriação, certamente semimágica, experimentada com uma exaltação, um enriquecimento de si”. (MORIN, 2002: 67-76). Dessa maneira, alguns não conseguem entender a natureza deste divertimento moderno, mas há algo nele que faz com que a hipnose do vídeo, as férias

turísticas por exemplos, sejam modos de matar o tempo, fugir da solidão, da angústia, estar em um *outro lugar* (MORIN, 2002:70).

Nesta direção Lovisolo (2003), comenta que sem recorrer ao tédio, não é possível explicar porque as pessoas perdem tempo com passatempos banais ou espetaculares de televisão. O autor afirma que quanto mais segura é uma sociedade mais tédio comporta e, portanto, mais crescem as atividades antitédio dentre as quais se destaca o esporte espetacular. Desse modo “o espetáculo pretende tirar-nos do tédio, mediante promessas de superinteressante, do superexcitante, do superespetacular” (LOVISOLO, 2000:247). No seu entender “os meios de comunicação consideram por um lado, a competição esportiva como conteúdo adequado e valioso para uma programação atraente, excitante e por outro, uma audiência que procura lazer, emoção e a passagem para um tempo excitante” (LOVISOLO, 2000:242).

Por um caminho de análise semelhante, Featherstone (2000) comenta que a experiência com o risco mantém a mente concentrada e o indivíduo absorto na tarefa o que faz com que ele se mantenha imerso no fluxo imediato da experiência: “um longo caminho para fugir do tédio da vida cotidiana super rotinizada e dos modos habituais de contemplação associados a muitas formas contemporâneas de cultura tecnológica, tais como assistir televisão, dirigir, ouvir música” (FEATHERSTONE, 2000:49). Eventos envolvendo risco como esses, na opinião do autor possuem uma intensidade que leva os indivíduos para dentro do imediatismo da vida, mas estão claramente circunscritos, distanciam-se do resto da vida e assumem uma qualidade onírica (FEATHERSTONE, 2000:49).

Em acordo com as idéias desses autores, acredita-se aqui que, quando circunscrito a produtos de uma cultura de massa, o esporte-espetáculo, o lazer e o turismo de

aventura estimulam o consumo do risco como algo que excita, emociona e proporciona escape para a rotina e para o tédio. Assim sendo contribuem para a adesão ao risco e para uma noção de sua positividade. Neste sentido risco implica lucros, representados de um lado, sob forma de ganhos objetivos e subjetivos incorporados aos indivíduos, de outro, sob forma de acumulação de capital para seus investidores.

Contudo, enfrentar ou não risco, depende ainda do contexto que cerca o indivíduo: sua percepção, a função que ele ocupa em determinado espaço social, a história de vida, suas características pessoais, sua reciprocidade com o todo cultural, dentre outros. Há também de se considerar que alguns indivíduos têm mais preferências por arriscar-se e por experimentar probabilidades que outros. Neste sentido a noção de risco, quer se oriente pela idéia de negatividade, ou de positividade, ou ainda pela alternância entre ambas, sempre está sujeita a redimensionamentos e recomposições dentro de uma mesma cultura.

A discussão dessas noções positiva e negativa de riscos proporciona um entendimento que quando risco pauta condutas, incorpora uma certa subjetividade aos modos de dar sentido à vida.

Dessa maneira, supõe-se que com sua noção de negatividade, dar sentido à vida envolve adaptação, controle e organização de uma rotina com a qual os indivíduos devem exercer um determinado controle sobre suas paixões e suas emoções. Envolve uma certa ponderação da experiência corporal com relação a situações arriscadas. Por outro lado, supõe-se também que com sua noção de positividade, nos moldes aqui discutidos, dar sentido à vida envolve condutas de enfrentamento do medo de risco para um combate à rotina e ao tédio. Neste sentido, a excitação faz parte do desafio de experimentar corporalmente o medo. O risco funciona como elemento de excitação em

oposição ao tédio. A vida parece ser o próprio espetáculo experimentado. Isto não quer dizer que estilos de vida com segurança e estilos de vida arriscados se situem em campos opostos. Na realidade, um se entrelaça ao outro com a mesma base – segurança -, mas produzem significados diferenciados para dar sentido à vida na modernidade.

VI. Procedimentos investigativos e alguns dos relatos sobre a experiência

O estudo pretende descrever e discutir os relatos dos atores a partir da sua experiência com o esporte radical base jump, de modo a compreender os sentidos da vida, presentes em suas falas, A análise das narrativas está sendo realizada por meio de instrumentais teóricos do campo das ciências sociais que tratam as emoções como práticas discursivas, não havendo interesse por verificação de índices.

Estão sendo utilizados como meios de coleta de informações: a observação, entrevistas abertas e conversas informais com os atores.

O universo da pesquisa é constituído por base jumpers brasileiros com titulação reconhecida no ranking mundial de base jumpers, por pára-quedistas que já praticam saltos em algumas das estruturas fixas, e por pára-quedistas que se encontram em estágios de formação para tornar-se um b.a.s.e jumper. Para a escolha pela modalidade Base jump considerou-se o fato do esporte ser apontado pela Confederação Brasileira de Pára-quedismo como sendo de extremo risco. Isto porque o estudo busca entender, em face de exposição ao risco, o sentido da vida para esses atores. Considerou-se também o fato desses serem depositários de grande admiração de esportistas e de jovens adeptos dessas modalidades esportivas modernas, configurando-se em modelos de extrema radicalidade.

As entrevistas estão sendo realizadas individualmente em locais e cidades onde os atores residem ou indiquem disponibilidade.

VII. Alguns dos relatos da experiência

Sobre o risco.

Por meio das entrevistas realizadas, verificou-se que os base jumpers têm clareza da existência dos riscos que o esporte comporta:

O risco existe, eu sei, conheço, mas não dá pra ficar parado pensando nele. Se eu quero voar, tenho que enfrentar, né? (Márcio).

Saltar é tudo pra mim, mas não saio por aí saltando como um irresponsável, é preciso calcular tudo direitinho pra não ter surpresa (Eduardo).

Já fiz algumas bobagens de saltar sem muita certeza, não faço mais isso não. Agradei a Deus por não ter morrido e hoje penso muito antes de me jogar no ar, se tem muito risco, tô fora (Júlio).

Quando vejo que não dá, não salto. Pode me pagar quanto quiser pra eu saltar, não salto. O melhor salto é aquele que você pousa e sai andando, vivo (Geraldo).

Por outro lado, observou-se que quando a pergunta se direcionou aos acidentes relacionados ao esporte, de um modo geral, esses foram associados ao erro e ao azar. Apenas um entrevistado acrescentou ao erro e ao azar, a imprudência e a má formação dada aos atletas por instrutores incapacitados para atuar com o esporte.

Embora os demais não tenham relacionado acidentes à imprudência, a entrevista aberta possibilitou que os entrevistados em meio aos seus depoimentos se referissem que o risco representa um grande negócio, se ganha dinheiro com ele, fato que tem atraído pessoas despreparadas ou inescrupulosas para os esportes de risco.

Sobre as emoções.

As emoções relatadas por base jumpers estiveram fortemente associadas às trajetórias dos saltos.

Momentos que antecedem o salto: medo.

Sinto muito medo, você não imagina o medão que dá antes de saltar e umas horas antes também, sabe? Mas nesse esporte o medo tem que ser superado (Márcio).

Claro que tenho medo, muito medo mesmo, mas o medo tem que ser vencido porque senão não tem salto. Um dia antes é só medo, mas penso no salto também (Eduardo).

Sinto muito medo, mas sabe que eu adoro sentir medo? Se não tem medo, não tem o que vencer, mas dizer que antes não tenho medo é mentira (Júlio).

Primeiro vou lá, ver de onde vou saltar, daí, fico olhando e analisando. Chega de noite antes de dormir você não imagina o tamanho do medo que dá, é muito medo mesmo, mas gosto porque depois que supero o medo, o resto é prazer. Esse esporte é assim (Geraldo).

O momento do salto: o êxtase da queda livre e a liberdade de voar como um pássaro.

Você atinge a velocidade de 200 km por hora, livre, solto no ar. Sabe o que é isso? Sabe não, você tem que experimentar, nem que seja num salto duplo de pára-quadras. Você pensa que não vai se lembrar de nada depois, mas lembra tudo. Você voa, entende? Você vira um pássaro ou um homem que voa, o homem pode voar. É assim que me sinto, livre, voando. Mas tu não vai entender não, 200km por hora? Tem salto que é menos velocidade, 100, mas também é bom, muito bom. Voar, tu não tem idéia não, tem não. Viver é voar (Márcio).

Já se sentiu totalmente, totalmente livre? Só lá em cima. Tudo fica diferente, você voando a 200 km por hora, nem me peça pra descrever, isso não se fala, só sente. A vida muda, muda. Ninguém que nunca voou vai saber. É que nem um pássaro voando, você não pensa em mais nada, só voa. É isso, o grande barato de saltar, é a queda livre, entende? (Eduardo).

Ninguém é mais o mesmo depois que voa, a vida é outra. Ser um pássaro é assim: a velocidade que você desce é incrível. Liberdade, liberdade, tem que sentir pra saber. Experimenta, vai com um bom instrutor, tua vida vai mudar, vai por mim (Júlio).

Pra mim, a maior emoção de viver é saltar em queda livre. Nada se compara a isso e não dá pra descrever, é um sentimento que guardo aqui comigo. Nada igual nada igual. Qual é a emoção? Sair da inércia. Seu corpo sai da inércia para voar a 200 km por hora, não dá pra descrever. Posso dizer que vôo. Acho que não vou parar de voar, a vida muda completamente depois que você voa (Geraldo).

O momento do pouso: alegria, contemplação, gratidão.

Diferentes emoções parecem se misturar ao momento do pouso: a alegria pela finalização perfeita, a contemplação do local e a gratidão aos colegas e aos deuses pelo vôo. A sensação anteriormente descrita como “a vida muda”, apareceu mais bem explicitada nos relatos desta fase da experiência.

Comemoro com a equipe toda, não estou só nisso, entende? Tem uma equipe. Depois de cada salto agradeço a Deus por tudo ter dado certo e sinto que me tornei uma pessoa melhor porque tem coisas na vida que só quando arrisca a vida no limite você entende. Sou mais tranquilo, sinto paz e não saio por aí brigando, me intoxicando, sou mais feliz. Olho pra natureza e vejo que existem coisas mais importantes do que esse mundinho de violência, política, desigualdade, isso dá tédio. Você se sente pequeno na frente da natureza, você aprende a respeitar, dá pra sonhar de verdade (Márcio).

É só alegria e agradecimento. Depois da queda livre é só contemplar a natureza e agradecer ao cara lá de cima. Fico planando sobre o mundo, quer saber? A vida lá em baixo é um tédio, um tédio. Ainda bem que salto sempre que posso. Não dá pra fazer tudo igual todo dia, esperar a morte sentado, prefiro morrer voando. Dou muito mais valor aos amigos e a família hoje, sou mesmo um cara melhor, não tem quem não fique depois de ver a morte de perto (Eduardo).

Corro pro abraço, mas não dá pra esquecer de agradecer, né? A natureza é grandiosa cara, você é muito pequeno junto dela, muito. Vencer a morte te dá uma sensação de que você tem que ser uma pessoa cada vez melhor e te dá uma coisa aqui dentro que não dá pra descrever, é você e a natureza, mais nada. Não sei como é que vocês agüentam ficar trancado numa sala estudando, trabalhando o dia todo em frente de uma máquina. Isso é vida? Isso é tédio. Só sabe o que é vida quem ganha ela (Júlio).

Comemoro com a equipe, tem que ser uma equipe, ela é que me dá suporte. Depois rezo e agradeço. Aliás, já salto falando com Deus e agradecendo, pois não é fácil vencer a morte, mas faço isso porque sou um cara que não gosta de sentir tédio, também acho que sou muito romântico porque gosto de sentir que a minha natureza e a natureza se encontram (Geraldo).

Sobre os significados de viver e de morrer.

Os significados de vida foram revelados, de um modo geral, em contraposição ao sentido da morte.

Viver é diferente de morrer. Morrer é o nada, o vazio. Morrer é não fazer nada, deixar a vida passar, não ser útil e só pensar em dinheiro, em vantagens. Morrer é ficar trancado dentro de casa, com um tédio danado sem fazer nada. Viver assim é já estar morto. Da morte mesmo eu não tenho medo, mas tenho medo de passar pela vida e não ter feito nada, assim: estar em vários lugares, ser livre entende? Esse mundo de guerra e violência é morrer. Você nunca sabe se vai chegar em casa e não tem um cara pra botar uma arma na tua cabeça, isso é vida? Viver pra mim é poder voar longe disso, posso dizer que estou vivo. Ver a morte de perto também faz você gostar mais da vida, é isto (Márcio).

O sentido de viver é viver com a natureza e fazer parte dela. Isso é diferente de morrer. Quer saber? Não penso na morte, porque morrer todo mundo vai morrer e eu sou humano, vou morrer também, mas isso é diferente de viver morto, esperando o tempo passar, esperando a morte chegar, se for assim prefiro morrer num salto, fazendo o que gosto e na paz da natureza. Mas não sou suicida não. Andam por aí falando que a gente quer morrer, mas é porque não alcançam isso não, ninguém dos b.a.s.e. faz isso pra morrer não, faz pra se sentir vivo. Mas quando você chega assim pertinho dela e vê que você saiu vivo, aí tu sabes o que é vida (Eduardo).

Olha tem muito intelectual perdendo tempo em dizer que somos suicidas. Isso não é com você não, entenda, isso a gente lê, a gente lê essas reportagens que falam do nosso esporte entende? Eu não quero morrer não, não me suicidando, sou um cara como você está vendo, só alegria, só harmonia comigo, com as pessoas, com a natureza. Tenho lá motivo pra me matar? Só penso e vivo minha vida diferente de outros, é um tédio fazer tudo no mesmo lugar e igualzinho. A minha vida é diferente todos os dias, isso não quer dizer que eu não trabalhe, não namore, não vá a lugares que todo mundo vai. Não sou diferente, vivo diferente, sem essa rotina que é um tédio. Enfrenta a morte de verdade que você vai saber o que é vida (Júlio).

Amo a vida, amo, se eu não estivesse vivo não poderia fazer o que faço, mas não dá pra ser morto vivo, por isso não tenho medo da morte. Mas não quero morrer não, sabe? Se eu quisesse saltava sem pára-quedas. Só não quero viver uma vida monótona, todo dia a mesma coisa, isso é uma prisão. Viver é ser livre, morrer é estar preso, parado. E com a violência que está por aí acho que viver é estar longe de tudo isso. Muito repórter já me perguntou se eu valorizo a vida, etc. É o preço que se paga por escolher viver assim. A sociedade está muito preocupada comigo? Não, mas está preocupada em me taxar de doido, suicida, tem gente aí escrevendo que a gente tem desequilíbrios sei lá onde, taxas, neurônios. Se eu tenho mais taxas ou menos, não importa, mas isso não me faz um suicida. Não tem bombeiro que arrisca a vida? Ele quer morrer? Não, ele sabe que quando a gente vê a morte de pertinho, vence ela, a gente se torna melhor e a vida tem mais valor. Adoro a vida,

só quero viver ela assim. Eu já lhe disse que ninguém sabe o que é voar, se soubesse ia entender. Mas, esperar a morte sentado, isso não (Geraldo).

VIII. Considerações parciais do resultado do estudo à luz de pressupostos

teóricos

Através dos relatos da experiência dos atores, foi possível perceber que o risco é assumido como um elemento integrante da atividade esportiva e um elemento desencadeador do medo. Risco e medo assumem um caráter positivo na experiência, uma vez que controlar, vencer o medo, significa também superar limites e vencer o obstáculo para voar.

Percebeu-se também que as emoções associadas ao esporte, de certo modo, estão vinculadas às etapas da experiência com o salto. Neste sentido, após superar o medo anterior ao salto, os atores afirmaram sentir intensa sensação de liberdade e prazer no momento que antecede a abertura do pára-quedas - queda livre -, no qual, sem controle, o corpo do esportista atinge uma velocidade média de duzentos quilômetros por hora. Este momento foi definido pelos atores como o vôo dos homens, o momento no qual segundo eles, seus corpos parecem se transformar em pássaros livres para voar.

A segunda etapa do vôo é concebida pelos atores como sendo o ato de planar e diz respeito à fase do vôo, vivenciada com o pára-quedas aberto. Os relatos das emoções vivenciadas nesta fase se diferenciaram segundo o tipo de estrutura do salto. No caso de estruturas baixas – prédios, antenas, pontes -, o tempo para a aterrissagem é muito rápido e por esta razão os seus focos estão dirigidos para o alvo a ser atingido no momento do pouso. Porém, quando o salto é realizado em estruturas mais altas, a

exemplos de montanhas em penhascos, planar significa contemplar a natureza, à sua grandiosidade e generosidade.

Com relação à finalização do vôo, denominada de pouso, foi possível destacar como emoções centrais: a alegria, a gratidão à solidariedade dos colegas de equipe, a Deus, ou deuses, e à natureza que permitiram o sucesso do vôo. Foi possível também constatar que os atores, fora do ambiente de salto, realizam reflexões sobre o sentido de suas vidas. Dessa maneira, assumem que após cada salto, se sentem pessoas melhores e atribuem esse sentimento à proximidade da morte. Vencer a morte parece significar para eles a exaltação da vida, ou, de outro modo, a proximidade da morte transforma suas vidas qualitativamente. A morte parece ser compreendida sob dois aspectos diferentes: um, sob a perspectiva de morte natural, e outro, sob a perspectiva de morte simbólica – morte em vida -.

Sob a perspectiva de morte natural observou-se que existe uma maior aceitação dessa como sendo uma realidade da qual os atores relatam não temer, contudo, não desejar. Sob a perspectiva de morte em vida, esta aparece unanimemente rejeitada pelos atores. A dita morte em vida apareceu relatada de um modo fortemente associado ao tédio. Vencer a morte parece desencadear um processo de reflexão nos atores com o qual é possível distinguir dois modos de vida: uma “original”, “grandiosa”, “prazerosa”, “ativa”, “excitante”, em oposição à outra, excessivamente “monótona” e “aprisionante”. O tédio parece ser o sentimento aprisionante da liberdade e de suas vidas.

Considerou-se aqui que a experiência com o risco é uma importante mediadora na construção dessa fronteira que põe face a face dois modos de viver a vida: um comum e um extraordinário. Neste último, os sentimentos de grandeza proporcionados pelo estado contemplativo da natureza e dos obstáculos vencidos, parecem se misturar e se

incorporar a um modo próprio de ser, descrito como audaz, dinâmico, corajoso, original, criativo e diferenciado.

As entrevistas realizadas possibilitaram a evidência de um conjunto de pressupostos teóricos de Svendsen (1999), acerca da expressão moderna do tédio. Dentre eles o de que o tédio se associa à perda de sentido em meio à vida cotidiana. Assim sendo, o desejo de estímulos sensoriais se apresenta dissociado das necessidades reais; o interessante tem um prazo de validade curto para o consumo; o estímulo é a única coisa interessante; a superação do tédio tende a se realizar com o acúmulo de sensações e impressões cada vez mais novas, mais fortes, e o extremismo e as transgressões surgem como alternativas atraentes para dar sentido à vida.

Evidenciaram também os seguintes pressupostos de Campbell, sobre o romantismo moderno: a) o indivíduo romântico tem dificuldade de aceitar o mundo tal qual ele é e isto o impulsiona a se esforçar por transformá-lo na realidade perfeita baseado na concepção do dever ser; b) o prazer pode ser um atributo definidor da vida para os românticos e com isso, romântico é alguém que possui uma sensibilidade ideal para o prazer indicado pela espontaneidade e intensidade de suas emoções; c) insatisfeito com a vida rotineira, o romântico é persuadido a procurar consolação na natureza, tenta dar expressão ao seu ego real e procura transformar sua vida numa seqüência de experiências agradáveis, experimentando deleite em sua própria aptidão para desfrutar o novo, o estranho; d) a imaginação adversa conduz o romântico a procurar confronto e conciliação na paisagem natural de lugares distantes como forma de retiro da sociedade, e a procurar se afastar fisicamente do mundo que ele acredita ser incompatível com os seus ideais.

Com o exposto considerou-se que o esporte radical base jump conserva um dos mais valorados princípios esportivos culturalmente construídos: o da superação de si próprio e dos obstáculos. Seus praticantes atuam em conformidade com este princípio na superação do risco e do medo e seus modos particulares de dar significado à vida, estão perpassados por emoções intensas e por valores e crenças num tipo de sensibilidade, dentre outros, para criar, inovar, devanear, transcender, se distanciar da realidade da vida cotidiana. A realidade cotidiana neste caso apareceu muito associada ao tédio e este, como um dos elementos propulsores da busca por excitação, por emoção, embora o gosto e a preferência pelo esporte em si, o antecedeam.

Tem-se aqui a clareza de que tais observações não são conclusivas, uma vez que as entrevistas e observações do campo ainda estão sendo realizadas. Contudo, para o presente momento, é possível apontar o esporte radical base jump como sendo um *lócus* privilegiado para a expressão romântica de jovens que se consideram pássaros humanos e que fazem do ato de voar um sentido para celebrar a vida em liberdade.

Referências Bibliográficas:

BECK, U. GIDDENS, A. LASH, S. (1997). *Modernização Reflexiva*. São Paulo: UNESP.

BECK, U. (1992). *Risk Society: towards a new modernity*. (Trad. Maek Ritter). London: Sage.

BRÜSEKE, F.J. (2001). *A Técnica e os riscos na modernidade*. Florianópolis: EDUFSC.

_____. (2005). "Risco e Contingência". *Societec e-prints*, v.1. n.2. p. 35-48.

CAMPBELL, C. (2001). *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno*. Rio de Janeiro: Rocco.

CANGUILHEM, G. (2006). *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense.

DINI, P. (1996). “A constituição do campo esportivo no Brasil: compreensões em Pierre Boudieu”. In: Marilita A.A.R (org.), *Coletânea do IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física*. Belo Horizonte: UFMG/EEF.

DOUGLAS, M. & Wildavsky, A. (1992). *Risk and culture: an essay on the selection of technological and environmental dangers*. Berkeley: University of Califórnia.

DOUGLAS, M. (1996). *La aceptabilidad Del riesgo según las ciencias sociales*. Barcelona: Paidós.

ELIAS, N. (1994). *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar.

FEATHERSTONE, M. (2000). *A globalização da mobilidade: experiência, sociabilidade e velocidade nas culturas tecnológicas*. São Paulo: WRLA.

FRAGA, A. F. (2006). *Exercício da informação: governo dos corpos no mercado da vida ativa*. Campinas: Editores Associados.

GIDDENS, A. (1991). *As conseqüências da Modernidade*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista.

GIDDENS, A. (2000). *O mundo em descontrole. O que a globalização está fazendo de nós*. Rio de Janeiro: Record.

HAYES, M.V. (1992). “On the epistemology of risk: Language, logic and social science.” *Social Science and Medicine*, v.1.n.3. p. 401-407.

LOVISOLO, H. R. (2003). “Tédio e espetáculo esportivo”. In. Pablo Aalabarces. (org.), *Futbologias: fútbol, identidad y violencia na América Latina*. Buenos Aires: Clacso/Asdi, v.1, p.1-271.

MORIN, E. (2002). *Cultura de massas no século XX: Neurose*. Rio de Janeiro: Forense.

PRONI, M. W. (1996). “Do esporte amador a esporte-espetáculo: sobre a profissionalização do futebol no Brasil”. In: Marilita A.A.R e col. (org.), *Coletânea do IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física*. Belo Horizonte: UFMG/EEF.

SENNETT, R. (2005). *A corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record.

SPINK, M.J.P. (2003). “Tópicos do discurso sobre o risco: risco aventura como uma metáfora da modernidade tardia”. *Cadernos de Saúde Pública*. 37 (2): 161-167.

SVENDSEN, L. (1999). *Filosofia do Tédio*. Rio de Janeiro: Zahar.

VELHO, G. (1999). *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar.

ZORPETTE & DI SANO: (2006). “A atração por esportes radicais: muitos indivíduos chegam ao limite da morte para aliviar a rotina e o tédio da vida moderna. A ciência começa a entender por que isso acontece”. *Scientific American Brasil. Edições especiais*.Ed.02.

Informações da autora:

Profª. Assistente - Universidade de Pernambuco

Mestre em Educação Física (UGF)

Doutoranda em Ciências Sociais (UERJ)

Endereço: Escola Superior de Educação Física – Universidade de Pernambuco/UPE.
Rua Arnóbio Marques, 310 – Santo Amaro – Recife – PE CEP: 50100-130.